

3

**JESUS,
HOMEN LIVRE,
TU VENS
LIBERTAR-NOS**

2º ETAPA DO CATECUMENADO

2ª ETAPA DO CATECUMENADO

1. JESUS, HOMEM LIVRE

Mateus 12, 9-13

^{12,1} Em certa ocasião, Jesus passava, num dia de sábado, através das searas. Os seus discípulos, que tinham fome, começaram a arrancar espigas e a comê-las. ² Ao verem isso, os fariseus disseram-lhe: «Aí estão os teus discípulos a fazer o que não é permitido ao sábado!» ³ Mas Ele respondeu-lhes:

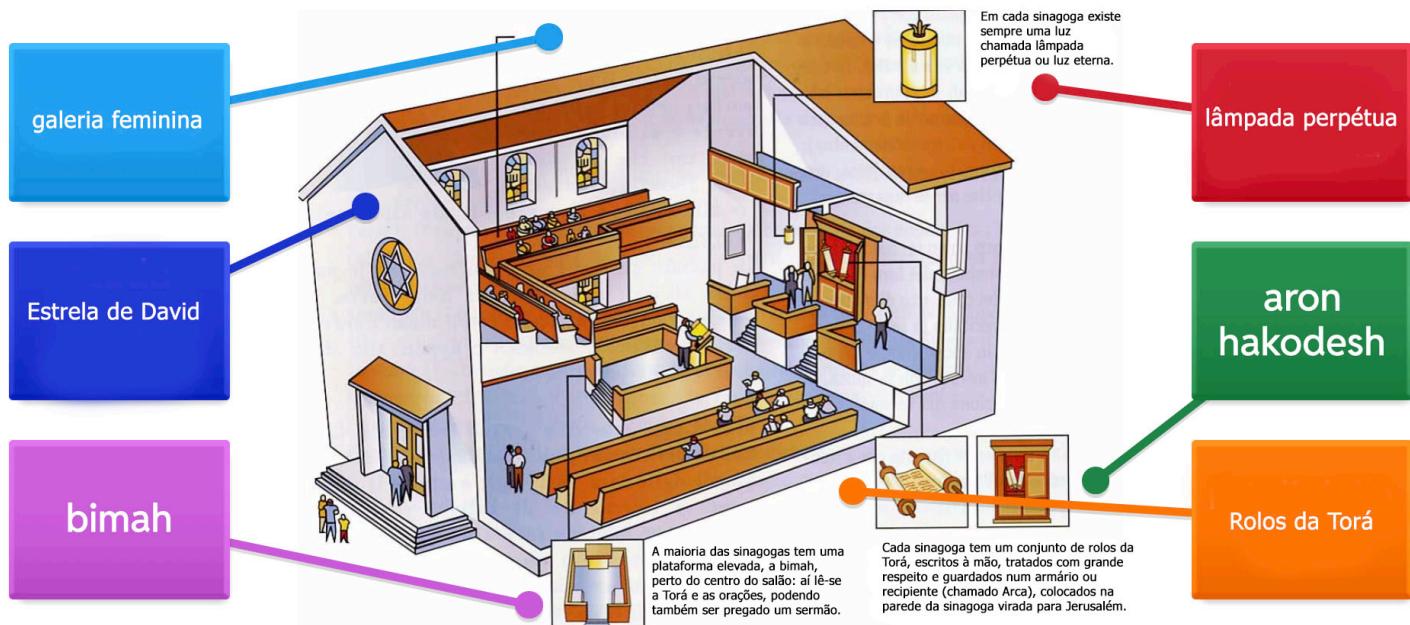
«Não lestes o que fez David, quando sentiu fome, ele e os que estavam com ele? ⁴ Como entrou na casa de Deus e comeu os pães da oferenda, que não lhe era permitido comer, nem aos que estavam com ele, mas unicamente aos sacerdotes? ⁵ E nunca lestes na Lei que, ao sábado, no templo, os sacerdotes violam o sábado e ficam sem culpa? ⁶ Ora, Eu digo-vos que aqui está quem é maior que o templo. ⁷ E, se compreendésseis o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício, não teríeis condenado estes que não têm culpa. ⁸ O Filho do Homem até do sábado é Senhor.»

SINAGOGA, do grego *synagein*, "reunir": uma **assembleia judaica**; a casa de culto e o centro comunal de uma assembleia judaica.

12,1-14. Esta passagem propõe a **misericórdia** (v. 7) como o principal mandamento para o cumprimento perfeito da lei (cf. 5,17). A passagem apresenta, ainda, **Jesus como intérprete da lei** no que diz respeito à *halakhah* (= "conduta", "comportamento"). Jesus proclama a sua autoridade sobre a lei, e **denuncia o legalismo dos fariseus**, que, como um jugo, oprime em vez de libertar as pessoas.

12,1-2. Os fariseus consideravam que **arrancar espigas** era ceifar, actividade proibida ao sábado (Ex 34,21).

12,8. O Filho do Homem até do sábado é Senhor: Se compararmos o comportamento de Jesus durante o sábado, em relação aos pecadores e no templo, com o comportamento dos seus contemporâneos, é evidente que Jesus não só se distancia como rejeita algumas das formas através das quais os outros adoram a Deus e vivem a sua relação com o divino. A sua **insistência em novas formas de servir a Deus** significa que os rituais judaicos não podem tornar-se a religião da Igreja de Jesus Cristo. Também para os pagãos, Jesus Cristo foi o fim da religião tal como la viviam.



Exemplo de uma sinagoga

2. JESUS LIBERTA-NOS DE TODO MAL

Lucas 4,16-19

Isaias 61,1-3

¹O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, ²para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião, ³para transformar sua cinza em coroa, seu luto em perfume de festa, seu abatimento em roupa de gala.

4,14-30, Jesus é impelido pelo Espírito que desceu sobre Ele na sequência do baptismo. Jesus **ensina nas sinagogas** da Galileia, A fama dele espalha-se, e é louvado por todo o lado. **No inicio do ministério de Jesus** há uma abertura aos gentios por meio da referência à viúva de Sarepta e ao sírio Naaman.

4,16. Nazaré: "Nazara", no original. Onde tinha sido criado: **Jesus foi um frequentador habitual da sinagoga** (cf. v. 15). Segundo o costume judaico, os fiéis levantavam-se durante a leitura da Torá e da *haphtarrah* (=os profetas). Como suplemento a estas duas leituras, o serviço sinagogal incluía orações e recitações. No entanto, é impossível saber com certeza tudo o que incluía o serviço nos dias de Jesus.

4,17. Entregaram-lhe o livro do profeta: Cf. Ap 20,12. Provavelmente este gesto foi feito pelo *archisynagogos*, o presidente da sinagoga, que tinha autoridade para escolher quem podia ler a Torá e recitar a *haphtarrah*. **O livro era um rolo coberto.** As palavras hebraicas *megillah*, "rolo", e "sefer", "livro", eram sinónimos. A piedade e a oração judaicas deram forma às celebrações asas e a alguns tipos de oração.

4,18. As modificações de Is 61,1-3 são motivadas pelo desejo de Lucas libertar a promessa do AT da limitação ao povo de Deus e abri-la a não-judeus. A inserção de Is 58,6 direcciona a promessa para os que estão em dificuldades socioeconómicas. Assim, a citação do AT no sermão inaugural de Jesus prepara para o tratamento lucano dos ricos e da pobreza, e aponta para tensões dentro da comunidade cristã. **A omissão de "o dia da vingança da parte do nosso Deus" (Is 61,2) é significativa.** A missão é positiva, do princípio ao fim. Os pobres e os cativos incluíam tanto os cativos escravizados pelos hebreus (cf. Dt 15,1-2) como os israelitas reduzidos à escravatura devido a dívidas mas que deviam ser libertados ao fim de sete anos. A proibição do roubo proscrevia o rapto e a venda de compatriotas israelitas. Já no Decálogo a ordem do descanso do sábado referia-se tanto a escravos como a pessoas livres, e o primeiro mandamento implicava a libertação de todos os israelitas. Por isso Is 61,1-2 declarou que **estes conceitos antigos de justiça constituem a vontade salvífica de Deus**, e Jesus serviu-se deles como base social da proclamação da Boa-Nova aos pobres.

4,19. Um ano favorável da parte do Senhor: **O ano jubilar** (cf. Dt 15,1-11; Lv 25,8-22) era um tempo favorável para Israel "regressar a casa" e **restituir a propriedade e a terra** aos deserdados. O relato da libertação operada por Jesus alarga o Jubileu às nações: as promessas estão abertas a todos os que têm fé no Messias de Deus. A oferta final de salvação em Jesus Cristo é dirigida a todos os que de alguma forma são oprimidos e sofrem. **A vida de Jesus é toda ela um genuíno ano jubilar de graça e perdão.** O ano jubilar era um convite à liberdade, alegria, honestidade e justiça, remissão das dívidas e redistribuição da riqueza. Este texto jubilar de Is 61,1-2 ilustra o que significa para Jesus a santidade em acção. Lc 4,28-29 **relaciona a proclamação jubilar de Jesus com a sua crucificação.**

4,21. Cumpriu-se: Sem rejeitar a objectividade, **a leitura cristã da Escritura deve ser também comunitária**, orientada para o presente, guiada pelo Espírito, e posta em prática na fé; deve começar pelas pessoas religiosas e de posição social e envolver todos os aspectos da vida. Ler e interpretar é participar na palavra de Deus.

ROLO, uma longa tira de pergaminho ou de papiro na qual um manuscrito era escrito. Um rolo era difícil de manusear e de usar, uma vez que para ser lido tinha de ser desenrolado e podia ter cerca de 9 metros ou mais de comprimento. Foi substituído, algum tempo depois do séc. I d.C., pelo livro encadernado, ou códice, mas as sinagogas ainda hoje têm rolos das Escrituras Hebraicas para uso religioso.



3. JESUS LIBERTA-NOS DOS ESPÍRITOS MALIGNOS

Marcos 1, 21-28

1,14-45. Chegou a soberania de Deus. As pessoas devem questionar a sua maneira de pensar (arrependimento) e aceitar o que Jesus faz e diz. Com grande autoridade, **Jesus declara a chegada de uma nova era.** Com a mesma autoridade, convida o povo a segui-lo, destrói o poder do espírito maligno e cura os doentes. **Os africanos com medo dos poderes maléficos** podem ver em Jesus o Senhor que tem o poder sobre todos os espíritos do mal. Seguir Jesus significa, para todos, deixar a visão pessoal do mundo e abraçar o plano de Deus.

1,21-28. Com a chegada do poder de Deus, o poder do espírito maligno desaparece. Para sublinhar este aspecto, o primeiro acto de Jesus é a expulsão de um espírito maligno.

1,21. Cafarnaúm: Segundo 1,21-39 Jesus passa um dia na cidade!

1,22. Doutores da Lei: Eram os **peritos da lei religiosa** e presidiam aos serviços na sinagoga. Proclamavam que **as tradições orais** (decisões legais) **eram mais importantes do que a lei escrita** (7,5-8), e isso facilmente conduziu ao formalismo religioso. Congregavam alunos à sua volta e proferiam preleções no templo: Também administravam a lei como juízes não-remunerados no Sinédrio, daí o título de "legistas" (cf. Mt 22,35). Por várias vezes entraram em confronto com Cristo (cf. Mt 7,28-29), mas alguns acreditaram em Jesus (cf. Mt 8,19):

1,23. Espírito maligno: Espírito maligno ou impuro porque **resistia à santidade de Deus**. Os exorcismos (5,1-20; 7,24-30; 9,14-29) de espíritos impuros mostram que a misericórdia de Deus se estende para lá do Israel fiel, incluindo os impuros, começando desse modo a purificação do mundo inteiro e fazendo dele o Reino de Deus.

1,24. Para nos arruinar: Cf. 5,1-20; 9,14-29; Mt 12,28; Lc 11,20. O Reino de Deus destrói o reino do demónio e prepara o seu fim. **O exorcismo é um sinal visível da proximidade do Reino de Deus.** O Santo de Deus; No AT "o Santo" era um representante ou agente vindo da esfera divina (ou seja, de Deus e do seu/conselho), e por isso estava investido com um poder e uma autoridade especiais. **A missão de Jesus, enquanto "Santo de Deus", é representar a santidade de Deus** (cf. Lc 4,34). Contudo, em Jo 6,69, o título confessa a missão de Jesus como o mensageiro que vem do alto e como a sabedoria de Deus.

*O ponto vermelho marca
onde se encontra Cafarnaum*



Cafarnaum



a sinagoga de Cafarnaum



4. JESUS LIBERTA-NOS DO MEDO DAS TRADIÇÕES

Marcos 7,3-5.9.13.17-20

Marcos 7,1-22 ¹ Os fariseus e alguns doutores da Lei vindos de Jerusalém reuniram-se à volta de Jesus, ² e viram que vários dos seus discípulos comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar. ³ É que os fariseus e todos os judeus em geral não comem sem ter lavado e esfregado bem as mãos, conforme a tradição dos antigos; ⁴ ao voltar da praça pública, não comem sem se lavar; e há muitos outros costumes que seguem, por tradição: lavagem das taças, dos jarros e das vasilhas de cobre. ⁵ Perguntaram-lhe, pois, os fariseus e doutores da Lei: «Porque é que os teus discípulos não obedecem à tradição dos antigos e tomam alimento com as mãos impuras?»

⁶ Respondeu: «Bem profetizou Isaías a vosso respeito, hipócritas, quando escreveu:

'Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.'

⁷ Vazio é o culto que me prestam e as doutrinas que ensinam não passam de preceitos humanos.'

⁸ Descurais o mandamento de Deus, para vos prenderdes à tradição dos homens.» ⁹ E acrescentou: «Anulais a vosso bel-prazer o mandamento de Deus, para observardes a vossa tradição. ¹⁰ Pois Moisés disse: Honra teu pai e tua mãe; e ainda: Quem amaldiçoar o pai ou a mãe seja punido de morte. ¹¹ Vós, porém, dizeis: "Se alguém afirmar ao pai ou à mãe: 'Declaro Qorban' - isto é, oferta ao Senhor - aquilo que poderias receber de mim...", ¹² nada mais lhe deixais fazer por seu pai ou por sua mãe, ¹³ anulando a palavra de Deus com a tradição que tendes transmitido. E fazeis muitas outras coisas do mesmo género.» ¹⁴ Chamando de novo a multidão, dizia: «Ouvi-me todos e procurai entender. ¹⁵ Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro. Mas o que sai do homem, isso é que o torna impuro. ¹⁶ Se alguém tem ouvidos para ouvir, oiça.»

¹⁷ Quando, ao deixar a multidão, regressou a casa, os discípulos interrogaram-no acerca da parábola. ¹⁸ Ele respondeu: «Também vós não compreendeis? Não percebeis que nada do que, de fora, entra no homem o pode tornar impuro, ¹⁹ porque não penetra no coração mas sim no ventre, e depois é expelido em lugar próprio.» Assim, declarava puros todos os alimentos. ²⁰ E disse: «O que sal do homem, isso é que torna o homem impuro. ²¹ Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos, as prostituições, roubos, assassinatos, ²² adultérios, ambições, perversidade, má fé, devassidão, inveja, maledicência, orgulho, desvarios. ²³ Todas estas maldades saem de dentro e tornam o homem impuro.»

Isaías 29, 13-14 ¹³O Senhor disse: Esse povo se aproxima de mim só com palavras, e somente com os lábios me glorifica, enquanto o seu coração está longe de mim. O culto que me prestam é tradição humana e rotina. ¹⁴Por isso, eu continuarei a realizar maravilhas e prodígios; a sabedoria dos seus sábios fracassará e a inteligência dos seus inteligentes se apagará.

7,1-23. A adesão formal à observância ritual é o inimigo da verdadeira religião. Muitas vezes, as tradições distorcem a Tradição. O evangelista relata estas palavras duras de Jesus (vv. 1-8) porque até mesmo **as comunidades cristãs nascentes estavam a correr os mesmos riscos** de pôr a Lei de Deus e as leis humanas ao mesmo nível.

Jesus desafia as pessoas a irem mais longe e a olharem as verdadeiras motivações das suas atitudes. **A contaminação não vem de fora** (vv. 14-23) **mas de dentro**, do coração de cada pessoa. O que foi dito sobre os vá-nos alimentos e para ser aplicado a todas as obrigações impostas pelas tradições do passado.

7,3. Tradição: Jesus mostrou que as leis do culto, tanto as que se baseavam na tradição como as da Torá, não tinham valor. Uma pessoa só fica impura se der expressão às tendências maléficas do seu interior. **As leis rituais foram substituídas pelas exigências éticas.**

Antigos: São pessoas com experiência, homens e mulheres que enriquecem a comunidade com o seu senso comum, embora a sabedoria de Jesus seja superior à deles. As palavras e as leis que os antepassados legaram aos seus descendentes não são necessariamente para serem observadas escrupulosamente para todo o sempre. Mesmo que sejam consideradas dons de Deus, não são sempre instrumentos indispensáveis da salvação de Deus. **A plenitude da vida só está disponível para aqueles que procuram Jesus para orientação e inspiração.** O presente não é tão formado pelo passado quanto por Cristo, o Filho do Deus vivo.

7,11. Qorban: **Prática de proibir o uso de um objecto como se fosse dedicado ao templo** (cf. Mt 15,5).

7,16. Alguns manuscritos mais antigos não têm este versículo.

1,18-19. "O que entra no estômago não dura muito". "O que é bom nunca está completo" (provérbios suícos). "O que está no coração do outro, ninguém o sabe" (provérbio quicongo).

5. JESUS LIBERTA-NOS DO PECADO

Marcos 2,1-12



2,1-12. O paralítico representa toda a humanidade que vive separada de Deus e incapaz de alcançar a salvação. A cura só pode vir de cima, como um dom gratuito. O relato mostra que os primeiros cristãos viam o perdão como cura e **Deus como médico**. Sob vários aspectos, 2,1-12 é um sumário de todo o Evangelho.

2,1-12. Marcos apresenta a **cura do paralítico** (vv. 1-5.11-12) e a cura dos seus pecados (vy. S-11) como uma única e mesma realidade

2,2 Juntou-se tanta gente: O tema do crescente número de pessoas indo ter com Jesus, dos familiares de Jesus e das tentativas infrutíferas de se afastar das multidões é bastante comum em Mc (cf. 1,28.35-37.45; 3,20; 5,21; 6,31-34.53-56).

2,4. As casas tinham uma escada exterior que dava para o **tecto feito de canas e fortalecido com barro**.

Descobriram... fizeram... desceram: A cura precisa da colaboração da comunidade (Tg 5,14).

2,6. Os doutores da Lei eram pessoas experientes no conhecimento e interpretação das Escrituras.

2,10. Filho do Homem: Um título que Jesus usa muitas vezes para se referir a si próprio, usado também no AT (Dn 7,13-14).

Pecado no Antigo Testamento

O ponto de partida do caminho de reconhecimento do pecado e da conversão é a iniciativa divina. Comentemos os dois primeiros versículos do **Salmo 50(51)** que nos introduzem com estas palavras:

Tende piedade de mim, ó Deus, segundo a vossa misericórdia; no teu grande amor apaga o meu pecado. Lave-me de todos os meus defeitos, purifica-me do meu pecado.

Nesses versículos há uma espécie de introdução ao Salmo. Ora, qual é o ponto de partida do caminho da reconciliação? **O ponto de partida do caminho de conversão do coração é a iniciativa divina da misericórdia, o primado da iniciativa de Deus.** O que significa o primado da iniciativa divina? Significa que Deus é sempre o primeiro a emprestar a sua mão, a balança está sempre inclinada para o lado da sua bondade.

Como o Salmo expressa isso nesses versículos que lemos? Esses versos são muito ricos e levaria muito tempo para vê-los palavra por palavra. Vejamos como **são os três termos que determinam o pecado**.

De fato, **no texto hebraico há três palavras diferentes** que devem ser lidas da seguinte forma: "... apaga a minha *rebeldia*, lava-me de toda a minha *desarmonia*, purifica-me, "tira-me" de toda a minha *perplexidade*." Há, portanto, **três definições do que é pecado**, o que é pecado?

- *xvn* (*hatā'*): "**Errar o alvo**". Agir e falar sem pensar e cair fazendo o mal (cf. Pedro que diz: "Isto nunca te acontecerá!" "Vai, atras de mim, Satanás! Você não pensa de acordo com Deus"). **A Palavra faz-me conhecer os pensamentos dos sentimentos de Deus.**

- *lly* (*āvôn*): "**Desarmonia**" uma distorção. Agir e falar condicionado por outra coisa (raiva, interesses próprios, inveja...) e acaba fazendo o mal ("O homem rico que tinha muita riqueza e não segue Jesus". "Os discípulos que abandonam e traem Jesus". "Pilatos lavando as mãos"). **A Palavra põe ordem na minha vida**, para me ajudar a entender quais são as minhas verdadeiras prioridades.

- *yvṣ* (*pāšā'*): "**Rebelião**", um desejo de **actuar um projeto alternativo**, contrário ao plano de amore de Deus, agir e falar querendo fazer o mal ("Eles tramam e se organizam para matar Jesus"). **A Palavra repreende-me e manifesta a minha hipocrisia e o meu erro.**

As palavras que indicam o erro do homem, a sua desorientação, **correspondem três nomes divinos**: **misericórdia** de Deus, a sua **graça** (que é o significado da primeira palavra: tem misericórdia de mim, ó Deus, dá-me graça, ó Deus) e, depois, o **coração de Deus**, o grande amor, três atributos de Deus que tentamos refletir brevemente. O Salmo nos diz:

— Tende piedade de mim, ó Deus, segundo a vossa **misericórdia**. O salmista sublinha assim a proporção infinita, que o homem intui sem a compreender, do vosso ser misericordioso. Em hebraico, o termo é *hésed* e tem uma longa história cheia de significado. De facto, indica a **atitude típica de Deus** para com o seu povo, que **implica lealdade, fidelidade, fidelidade**, bondade, ternura, constância na atenção e no amor. Também pode ser traduzido como a "bondade" de Deus.

- A *segunda denominação* de Deus incluída na primeira invocação "*Tem misericórdia* de mim, ó Deus", que é expressa por um único verbo hebraico: "Dá-me **graça**, ó Deus, tu que és o Deus da graça". **Deus que dá graça é Deus que se interessa pelos doentes**, pelos que estão em dificuldade, dá-lhes a mão. Nossa Senhora é chamada «cheia de graça» e canta: «Senhor, olhaste para a pobreza da tua serva e me destes graça». Deus é aquele que olha para a nossa pobreza, para o nosso ser pequeno.

- A *terceira palavra* é "*no teu grande amor*". E aqui o hebraico seria melhor traduzido como «no vosso grande **coração**»: o símbolo do amor de Deus: «Esta palavra, do vínculo mais profundo e original, ou melhor, da **humanidade que une a mãe e o filho**, brota com Ele uma relação particular, um amor particular, deste amor pode-se dizer que é totalmente gratuito, não fruto do mérito, e constitui uma necessidade interior, é uma necessidade do coração».

Por isso, o salmo parte **contemplando a iniciativa divina para o homem**, e convidanos, antes de mais, a ter uma grande e correta ideia de Deus.

(Card. Carlo Maria Martini – *Miserere*)

Pecado no Novo Testamento

- *áμartia* (*hamartia*): significa "**errar o alvo**" ou "errar". Na tragédia grega é entendido como o erro do protagonista que leva a uma cadeia de ações que culminam numa inversão dos acontecimentos, da felicidade à catástrofe.

Jesus revela que o pecado nasce do **coração** (Mateus 15,19-20) e requer conversão (Marcos 1,15).

Catecismo da Igreja Católica

A misericórdia e o pecado

1846. O Evangelho é a revelação, em Jesus Cristo, da **misericórdia de Deus para com os pecadores**. O anjo assim o disse a José: «Pôr-Lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados» (Mt 1, 21), o mesmo se diga da **Eucaristia**, sacramento da Redenção: «Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que vai ser derramado por todos **para a remissão dos pecados**» (Mt 26, 28).

1847. «Deus, que nos criou sem nós, não quis salvar-nos sem nós» (87). O acolhimento da sua misericórdia **exige de nós a confissão das nossas faltas**. «Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e para nos purificar de toda a maldade» (1 Jo 1, 8-9).

1848. Como afirma São Paulo: «Onde abundou o pecado, superabundou a graça» (Rm 5, 20). Mas para realizar a sua obra, **a graça tem de pôr a descoberto o pecado**, para converter o nosso coração e nos obter «a justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor» (Rm 5, 21). Como um médico que examina a chaga antes de lhe aplicar o penso, Deus, pela sua Palavra e pelo seu Espírito, projecta uma luz viva sobre o pecado: «A conversão requer o reconhecimento do pecado. Contém em si mesma o juízo interior da consciência. Pode ver-se nela a prova da acção do Espírito de verdade no mais íntimo do homem. Torna-se, ao mesmo tempo, o princípio dum novo dom da graça e do amor: "Recebei o Espírito Santo". Assim, neste "convencer quanto ao pecado", descobrimos *um duplo dom*: **o dom da verdade da consciência e o dom da certeza da redenção**. O Espírito da verdade é o Consolador» (88).

6. JESUS E OS BENS DESTE MUNDO

Lucas 12,16-21.

12,13-21. Esta parábola que só se encontra em Lucas é inspirada pela disputa de uma herança entre dois irmãos. Aparentemente, na opinião do mais novo, que devia obedecer ao mais velho, as regras para tais casos não estavam a ser seguidas. Em vez de proceder como juiz, Jesus proclama uma verdade proverbial e elabora com ela uma parábola. O sentido da parábola é claro: **um homem é abençoado com abundância e reage com conversas consigo mesmo e com louvores à sua própria pessoa.** Família, vizinhos, Deus: todos são ignorados nos seus planos.

Catecismo da Igreja Católica

1905. Em conformidade com a natureza social do homem, o bem de cada um está necessariamente relacionado com o **bem comum**. E este não pode definir-se senão em referência à pessoa humana: «Não vivais isolados, fechados em vós mesmos, como se já estivésseis justificados; mas reuni-vos para procurar em conjunto o que é de interesse comum».

1906. Por bem comum deve entender-se «o **conjunto das condições sociais** que permitem, tanto aos grupos como a cada um dos seus membros, atingir a sua perfeição, do modo mais completo e adequado». O bem comum interessa à vida de todos. Exige prudência da parte de cada um, sobretudo da parte de quem exerce a autoridade. E inclui **três elementos essenciais**:

1907. Supõe, em primeiro lugar, o **respeito da pessoa** como tal. Em nome do bem comum, os poderes públicos são obrigados a respeitar os direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana.

1908. Em segundo lugar, o bem comum exige o **bem-estar social e o desenvolvimento** da própria sociedade. O desenvolvimento é o resumo de todos os deveres sociais. Sem dúvida, à autoridade compete arbitrar, em nome do bem comum, entre os diversos interesses particulares; mas deve tornar acessível a cada qual aquilo de que precisa para levar uma vida verdadeiramente humana: alimento, vestuário, saúde, trabalho, educação e cultura, informação conveniente, direito de constituir família, etc.

1909. Finalmente, o bem comum **implica a paz**, quer dizer, a permanência e segurança duma ordem justa.

1911. As dependências humanas intensificam-se. **Estendem-se, pouco a pouco, a toda a terra.** A unidade da família humana, reunindo seres de igual dignidade natural, implica um **bem comum universal**.

1912. O bem comum está sempre **orientado para o progresso das pessoas**: «A ordem das coisas deve estar subordinada à ordem das pessoas, e não o inverso». Esta ordem tem por base a verdade, constrói-se na justiça e é vivificada pelo amor.

1913. Participação é o empenhamento voluntário e generoso da pessoa nas permutas sociais. É necessário que todos tomem parte, cada qual segundo o lugar que ocupa e o papel que desempenha, na promoção do bem comum. Este é um dever inerente à dignidade da pessoa humana.

1914. A participação realiza-se, primeiro, ao encarregar-se alguém dos sectores de que assume a **responsabilidade pessoal**: pelo cuidado que põe na educação da família, pela consciência com que realiza o seu trabalho, o homem participa no bem dos outros e da sociedade.

1915. Os **cidadãos** devem, tanto quanto possível, tomar parte activa na *vida pública*.

1916. A **participação de todos na promoção do bem comum** implica, como qualquer dever ético, uma **conversão incessantemente** renovada dos parceiros sociais. A fraude e outros subterfúgios, pelos quais alguns se esquivam às obrigações da lei e às prescrições do dever social, devem ser firmemente condenados como incompatíveis com as exigências da justiça.

1917. Incumbe àqueles que exercem **cargos de autoridade** garantir os valores que atraem a confiança dos membros do grupo e os incitam a colocar-se ao serviço dos seus semelhantes. A participação começa pela educação e pela cultura.

7. JESUS ENSINA-NOS A ULTRAPASSARMOS AS NOSSAS DIFERENÇAS, GRAÇAS À FÉ.

Marcos 7,24-30

7,24-30. O diálogo entre Jesus e a **mujer sirofenicia** situa-se no ponto mais crucial do Evangelho. **Está entre as duas multiplicações de pães** (capítulos 6 e 8) e é expressão madura da liberdade humana. O capítulo 7 mostra respostas que se contradizem acerca do "pão". Os fariseus não comem o pão senão depois do ritual das purificações (7, 25). Consequentemente, recusam o pão por causa destas e outras tradições semelhantes (vv. 3-5.8-9.13). Num contraste forte, a mulher pede as migalhas que caem da mesa (vv. 27-28). Esta acção é diferente da dos fariseus que se opõem à missão de Jesus.

Jesus não deseja ostentar o seu poder de curar, mas mesmo assim esse poder é conhecido pelos gentios. A recusa brusca de Jesus parece fazer parte do segredo messiânico. Jesus vai **exercer o seu ministério fora da Galileia** onde, sem ter em conta as etnias, presenteia os gentios com os mesmos milagres que fez na sua terra.

Os confrontos entre diversas etnias destruíram várias nações africanas. Jesus, que serviu pessoas de outras etnias, deve ser o modelo do nosso comportamento em África.

1,26. Sirofenícia: Em Mt 15,22, uma cananeia. A mulher sirofenícia, que representa um **estrato helenizado da sociedade**, procura ajuda no pregador e exorcista itinerante do interior da Judeia: Quer Jesus quer a mulher ultrapassam os preconceitos.

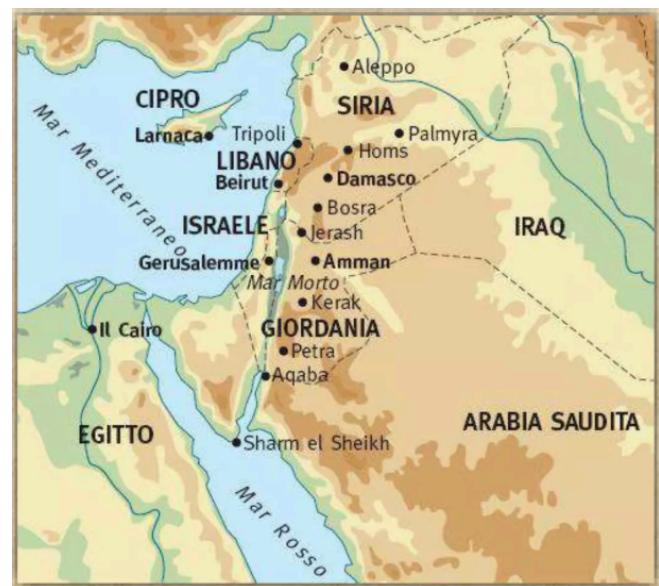
1,27. Cachorrinhos: Designação dos gentios. Com o epíteto *cão* indicava-se, no ambiente judaico, o **ímpio ou o pagão idólatra**. Basta recordar uma sentença conservada numa colecção tradicional de ditados judaicos: 'Quem come com um idólatra é como quem come com um cão' (Pirqê R. Eliezer 29).

Filhos: Parte da autoconsciência dos judeus. Isto leva-os a autoqualificarem-se extensivamente como crianças (em grego, *exna*) ou filhos de Deus (em grego, *uioi theon*), isto é, **os que têm todos os direitos divinos** em relação a todos os outros não judeus.

Rabi Aqiba reproduz essa autoconsciência na frase seguinte: "Amados são os israelitas porque foram chamados filhos de Deus" (Ab. 3, 4).

Pão: Símbolo de Torá entre os judeus.

7,28. A resposta da mulher contrasta com a visão nacionalista e exclusivista do Messias descrito em Mc 8,27-10,52. Percebe-se um duplo contraste; o seu pedir "as migalhas de pão" contra a recusa das tradições (7,1-13). O narrador, ao colocar a história dela como contexto da confissão de Pedro, estabelece **um contraste na visão da messianidade**: a visão de Jesus e a dos discípulos. Em Mc 6, 6b-10,52, o discipulado é correlacionado com a percepção messiânica, e dentro desta secção esta mulher faz a narrativa apontar: sem a inclusão dos gentios na festa do maná de Deus, não há Messias! Ela diz aos gentios: "Como eu, podeis também comer o pão de Jesus; e comendo protegemos a messianidade de Jesus **contra as visões exclusivistas!**"



8. JESUS E O SOFRIMENTO DO HOMEM.

Lucas 13, 10-13

Marcos 8,31

Lucas 13, 10-13: Esta secção rege-se por referências a Jerusalém e ao sofrimento que lá irá ocorrer. Mesmo não sendo nomeada, Jerusalém está subjacente a este material. A doença é dada como algo garantido, enquanto a lei é assumida como amarra. Jesus não aceita que a mulher não possa endireitar-se, nem que a lei ritual a condene a tal estado.

O chefe da sinagoga dirige-se à multidão com um ataque indirecto a Jesus, mas falha o alvo a multidão alegra-se com o que Jesus faz. Jesus liberta a mulher da sua doença; Jesus lembra-lhes que eles soltam o boi ou o jumento, ao sábado, para que bebam água; então porque não libertar esta mulher do laço de Satanás? **Jesus usa um argumento do menos importante para o mais importante.** No fim, a assembleia está dividida: os que estavam contra Jesus estão envergonhados; o povo rejubila.

13,11. Mulher: O episódio desta mulher torna-se o **paradigma da opressão das mulheres** e da libertação que sentem por intermédio do Evangelho.

Mc 8,31-33: ³¹ Começou, depois, a ensinar-lhes que o Filho do Homem tinha de sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias. ³² E dizia claramente estas coisas.

Pedro, desviando-se com Ele um pouco, começou a repreendê-lo. ³³ Mas Jesus, voltando-se e olhando para os discípulos, repreendeu Pedro, dizendo-lhe: «Vai-te da minha frente, Satanás, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens.»

8,31-9,1. Pedro e os discípulos reconheceram em Jesus o Messias enviado por Deus para cumprir o seu plano para o mundo, para estabelecer o Reino de Deus. Mas, na sequência da reacção de Pedro (P. 32), **Jesus**, inesperadamente, explica que **não é o messias nacionalista e triunfante que a maioria dos judeus procura**. Marcos desafia os seus leitores com o apelo a seguir Jesus até à cruz.

8,32. Pode traduzir-se como se segue: "E **proclamava abertamente** a palavra". "A **palavra**" refere-se ao **conteúdo do anúncio cristão** (cf. 2,2; 4,33).

Pedro: O primeiro **anúncio da paixão** e resurreição de Jesus (v. 31) **desafia os discípulos** a aceitar que Ele, como Filho do Homem, tem de sofrer. Pedro rejeita a paixão devido ao que implica para os seguidores de Jesus.

8,33. Os dos homens: Pedro pensa em termos humanos, não divinos. O reconhecimento de Jesus como Messias vai levá-lo, por fim, à crucifixão. No plano de Deus, Jesus não pode ser considerado o Cristo, a não ser que sofra e morra.

Diabo: Etimologicamente diabo significa divisão, **aquele que divide**, que coloca divisão; consequentemente, o termo **passa a significar acusador, caluniador**. É usado na Bíblia para designar todo adversário do Reino de Deus, começando pelo primeiro adversário, e indica a atitude de tudo o que é **inimigo da verdade e do homem**. O adversário expressa a sua inimizade em semear a divisão com falsas acusações e calúnias; E podemos então compreender muito claramente como esta força de divisão através de acusações, calúnias, falsas interpretações, mal-entendidos inflacionados, está continuamente em ação na comunidade humana e na comunidade cristã. **Pensem em quantas divisões**, quantos descontentamentos existem na comunidade e quanto mal fazem, apoiando assim o jogo do inimigo de Deus!

Se nos perguntarmos então ao nível de uma pessoa individual, podemos compreender, na história de cada um de nós, que o inimigo do Reino de Deus é **toda a realidade que tende a produzir divisão no homem**. Tudo o que nos divide interiormente, por exemplo, com falsas autoacusações, com remorsos, com calúnias sobre Deus, sugerindo-nos a ideia de que talvez Deus nos tenha esquecido, que não nos ame como pensamos, que nos abandonou, que não teremos sucesso, que não teremos força para superar essa dificuldade dada: tudo isto são coisas que o inimigo lança em nós para nos dividir e nos derrubar.

Outras vezes, pelo contrário, o diabo **põe em nós o veneno da presunção**, como tentou fazer com Jesus, convidando-o a um poder excessivo, a usar em vão as suas qualidades e capacidades.

(Card Carlo Maria Martini - Dicionário Espiritual)

9. JESUS MORRE. ELE DÂ A SUA VIDA POR NÓS.

Lucas 23, 33-46

João 15,13

23,33-43. Israel estava à espera de um grande rei. Queriam vê-lo a governar sobre todos os povos do mundo e a humilhar os inimigos de Israel (Sl 72,8-11). **Se Jesus descesse da cruz,** estaria a trair a sua missão: **estaria a aprovar a falsa ideia de Deus sustentada pelos líderes espirituais do povo.**

23,44-49. Antes da morte de Jesus, Lucas refere somente **dois fenómenos: escuridão**, do meio-dia às três da tarde; **cisão do véu** que separava o Santo dos Santos do resto do templo. Este último sinal pode significar que Deus abandonou o templo, ou que **o acesso a Deus passa a estar aberto**, ou que Jesus está a entrar na presença de Deus.

As **mulheres são as testemunhas vitais** da morte e ressurreição de Cristo: elas vêem-no morrer, vêem-no a ser sepultado e veem-no de volta a vida.

23,34. Jesus dizia: As **sete frases** de Jesus na cruz resumem a sua pessoa e acção: o **perdão** geral (vv. 33-34), o **dom** especial (vv. 39-43), o **amor** pelo seu povo (Jo 19,25-27), **solidão** e abandono (Mc 15,34), o desejo de **salvar** (Jo 19,28-29), a **missão** cumprida (Jo 19,30) e o **regresso** ao Pai (v. 46).

23,36. Oferecerem **vinagre**: Líquido azedo resultante da fermentação do vinho ou de outra bebida forte. Era bebido pelos trabalhadores do campo (cf. Rt 2,14) e foi oferecido a Jesus como **refresco** (cf. Mc 15,36). 12,

23,37. Salva-te a ti mesmo: O Reino de Jesus não pertence a este mundo (Jo 18,36). **O seu poder não é usado para afastar a morte**, a opressão, a violência, a injustiça - nem de si nem dos outros. Ele aconselha os seus discípulos a não temerem os que matam o corpo (Mt 10,28).

23,39. O Evangelho de Lucas começou com **Jesus entre os mais pobres**, os últimos, os impuros de Israel: os pastores. Depois, Lucas continuou a mostrar-nos o Mestre entre publicanos, pecadores, prostitutas. Agora, Jesus está ladeado por dois pobres e infelizes que erraram muito ao longo da vida. Ele regressa ao Pai na companhia de um que nos representa a todos: um pecador convencido pelo seu amor. **A partir da cruz, Jesus mostra ao mundo inteiro qual o rei que Deus escolheu:** aquele que aceitou as humilhações, que sabe que a única forma de dar glória a Deus é ocupar o último lugar, servir os pobres.

23,42. Lembra-te de mim: Esta prece deixa transparecer fé em Cristo como verdadeiro rei. Jesus pode mesmo salvar, embora não se salve a si - nem ao criminoso - da morte na cruz.

23,43. Paraíso: A promessa de Jesus parece inspirada na tipologia de Elias, documentada em numerosos textos rabínicos (Elias como guia dos mortos para o paraíso; Elias conhedor das moradas do paraíso; a oferta de Elias a indivíduos piedosos de um vislumbre momentâneo ou uma breve experiência do paraíso) e outros (Lc 16,22; Mt 3,1.23-24; Sir 48,11).

23,45. O Sol tinha-se eclipsado: A astronomia não regista qualquer eclipse solar nesta época. Lucas, como os outros Evangelhos, **vê a natureza revoltada pela morte do Deus-Homem** e a inauguração do Dia do Senhor, como tinha sido profetizado em Am 8,9: "Naquele dia - oráculo do Senhor meu Deus - farei com que o Sol se ponha ao meio-dia, e em pleno dia cobrirei a terra de trevas".

23,47. Algumas versões da Bíblia em vez de "Verdadeiramente, este homem era **justo**" traduzem "Verdadeiramente, este homem estava inocente". No entanto, a palavra grega *dikaios* significa "justo" e não "inocente".

Giovanni 15,10. Jesus não apresenta o seu amor como um modelo que deve ser imitado, mas como vida que deve continuar nos seus discípulos. O Baptismo que recebemos colocou-nos num estado diferente: uniu-nos à sua pessoa e tornou-nos membros do seu corpo. É Ele que continua a viver e a agir em nós: Ele ama, cura, conforta, ajuda os pobres, enxuga as lágrimas da viúva e do órfão. Observando o nosso estilo de vida, as pessoas devem estar aptas a reconhecer que o Senhor Ressuscitado continua presente entre nós.

10. JESUS VENCEU A MORTE ELE RESUSCITOU

Marcos 16,1-8

16,1-8. O **túmulo vazio** é um dos sinais que permitem que os discípulos acreditem na Ressurreição de Jesus. A acção de Deus em Jesus não termina no medo e na morte. **Jesus** levanta-se dos mortos e **regressa ao local onde iniciou a sua missão: a Galileia**, região aberta às nações. Lá os discípulos são convidados a partir se quiserem continuar a missão de Jesus.

16,4. Pedra: A enorme pedra retirada da entrada do túmulo de Jesus faz parte da proclamação da ressurreição.

16,5. O jovem com uma túnica branca é interpretado como sendo um anjo, como em Mt 28,5.

16,7. Galileia: Jesus já tinha feito esta promessa em 14,28 e apareceria lá aos seus discípulos (Mt 28,9-10).

16,8. O apelo a uma vida mais elevada proposta por Jesus encontra medo e incompreensão. O medo perante uma revelação divina torna-se silêncio. Os manuscritos mais fidedignos e antigos, bem como outros testemunhos, não têm o trecho de Mc 16,9-20 (cf. Introdução), mas aceita-se como canónica esta parte do Evangelho.

16,9. Cf. vv. 12,14; Act 10,40. Cada aparição sustenta a convicção de que o Senhor ressuscitado continua presente na sua Igreja quando é preciso.



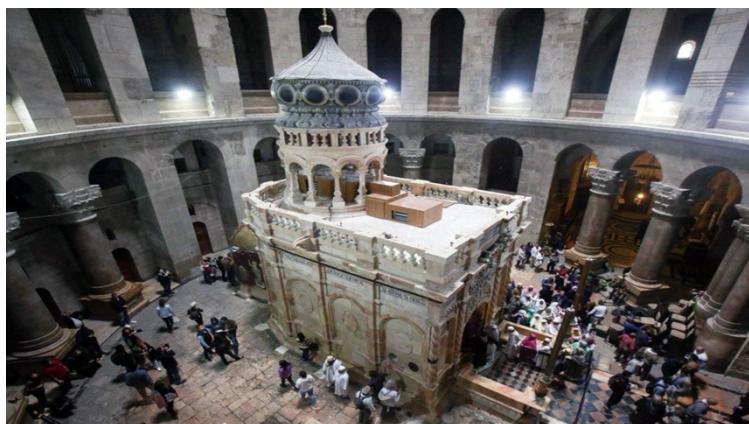
Modelo de túmulo com três ambientes

câmara funerária

antecâmara

escadaria

pedra



Santo Sepulcro em Jerusalém



O interior do Santo Sepulcro

11. JESUS RESSUSCITADO LIBERTA-NOS DO MEDO DE MORRER

João 11,17-27

11,17-44. Em todas as culturas as pessoas tentaram resolver o enigma da morte, sem sucesso. Jesus ensina-nos nesta passagem que **o seu amor por nós não conhece fronteiras** e que a sua missão é libertar-nos de quaisquer ligaduras, sejam elas materiais ou morais.

11,24. Enquanto os egípcios acreditaram desde há muito tempo na vida depois da morte, o **povo de Israel começou a falar da ressurreição dos mortos muito mais tarde**. No tempo de Jesus ainda havia muitos que a negavam taxativamente. A resposta de Marta a Jesus (v. 24) mostra que ela fazia parte dos crentes na ressurreição dos mortos.

11,25. Viverá: **O discípulo nasceu para uma vida nova e mergulha no mundo de Deus para partilhar uma vida sem fim.** A vida divina que o cristão recebe no baptismo não pode ser vista, tocada, ou fisicamente testada. Só se manifesta quando terminar esta vida física, ligada ao mundo material. É por esta razão que os primeiros cristãos chamaram ao dia da morte dia de nascimento.

11,26. Crê em mim: Em Jo, o verbo "crer" (ou "acreditar") tem habitualmente dois sentidos: confiar em alguém, e aceitar um facto ou as palavras de alguém como verdade.

Ressurreição

A **ressurreição** de Cristo **revela-nos o sentido de toda a história humana** e dos acontecimentos que vivemos todos os dias; Revela-o com a palavra de esperança proclamada por Pedro no discurso relatado nos Atos dos Apóstolos: «*Não foi possível à morte mantê-lo cativo*».

Esta palavra surpreende-nos: por que não foi possível? Infelizmente, estamos habituados à realidade de que a morte não só é possível, como até inevitável, juntamente com tudo o que a morte representa: tristeza, ódio, guerra, destruição. Mas o anúncio de Pedro diz que o mistério de Deus em Cristo ressuscitado é a vitória sobre a morte, sobre tudo o que nos traz sentido e tristeza na nossa vida.

A ressurreição de Cristo **revela-nos o rumo da realidade humana que se dirige para a vida** e, em cada um de nós, para a plenitude da expressão, da nossa liberdade.

A ressurreição de Cristo **regenera a nossa liberdade**, cura as suas ilusões, atribui-lhe objetivos autênticos e construtivos na história. Dispõe-nos a colaborar com o amor de Deus que dá vida a tudo, na expectativa humilde e ativa daquela ressurreição de todo o ser humano e de todo o universo que já começou na ressurreição de Cristo, mas que terá a sua plena realização e a sua manifestação luminosa quando e como o Pai quiser.

Accreditar

Jesus quer entrar nas nossas casas para nos ajudar a compreender os nossos problemas, mas não O acolhemos porque ainda não demos o passo da simpatia humana por Ele, para o contacto imediato com a sua pessoa. **Como superar a desconfiança** que nos impede de ter uma conversa pessoal com Jesus, o Filho de Deus, como podemos chegar a uma relação que gradualmente mudará a nossa existência? Sem uma verdadeira relação com Ele, dificilmente quebraremos o diafragma que existe entre nós e os outros e que nos bloqueia na comunicação e na partilha.

A passagem do conhecimento histórico de Jesus para o encontro imediato com Ele chama-se: crer. Acreditar significa dar esse salto, ir além do diafragma, superar essa barreira. Não posso, porém, dizer-vos como se realiza esta passagem, porque **ninguém a pode fazer por nós**: cada um deve fazê-lo por si mesmo e é **um dom da graça**. **Só Deus nos atrai**, que nos faz dar o passo fundamental para a existência humana. E se não formos capazes de compreender a palavra «crer» em todo o seu sentido existencial, podemos falar de confiar-nos: confiar em Deus que se manifestou em Jesus, confiar-nos a Ele.

(Card Carlo Maria Martini - Dicionário Espiritual)

12. JESUS DÁ O ESPIRITO.

João 14,15-26

Actos dos Apóstolos 2,1-11

João 14,15-26 ¹⁵ «Se me tendes amor, cumprireis os meus mandamentos, ¹⁶ e Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, ¹⁷ o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conhecéis, porque permanece junto de vós, e está em vós.»

¹⁸ «Não vos deixarei órfãos; Eu voltarei a vós! ¹⁹ Ainda um pouco e o mundo já não me verá; vós é que me vereis, pois Eu vivo e vós também haveis de viver. ²⁰ Nesse dia, compreendereis que Eu estou no meu Pai, e vós em mim, e Eu em vós. ²¹ Quem recebe os meus mandamentos e os observa esse é que me tem amor; e quem me tiver amor será amado por meu Pai, e Eu o amarei e hei-de manifestar-me a ele.».

²² Perguntou-lhe Judas, não o Iscariotes: «Porque te hás-de manifes-lar a nós e não te manifestarás ao mundo?» ²³ Respondeu-lhe Jesus: «Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada. ²⁴ Quem não me tem amor não guarda as minhas palavras; e a palavra que ouvis não é minha, mas é do Pai, que me enviou.»

²⁵ «Fui-vos revelando estas coisas enquanto tenho permanecido convosco; ²⁶ mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há-de recordar-vos tudo o que Eu vos disse.»

14,17. Espírito da Verdade: Cf. 14,16-17.26; 15,26-27; 16,7-15. O cristão experimenta a presença do Espírito no dom da palavra. **A Palavra e o Espírito são os princípios dinâmicos da comunidade cristã.**

Não o vê nem o conhece: O género deste pronome ("o", em grego, é do género neutro) concorda com a palavra grega *pneuma* [Espírito] e manteve-se assim apesar de se falar de uma pessoa, o Espírito de Deus. Noutros pontos usam-se pronomes masculinos; cf. por exemplo 16,13.

14,19. O primeiro requisito para ser membro da igreja joanina era ter sido discípulo de Jesus. Segundo 15,1-8, um discípulo é alguém que está unido a Jesus e ao Pai.

14,21. Cf. 15,10; 16,27; 1 Jo 5,3; 2 Jo 6. Em grego o sujeito é singular.

Actos dos Apóstolos 2,1-11

2,1-13. É o Espírito que forma uma nova família, a Igreja. Lucas estabelece o início da Igreja no dia de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa. O nascimento da Igreja dá-se **em paralelo com o nascimento de Cristo**. Este paralelismo pode também ser visto entre o baptismo de Jesus e o nascimento da Igreja. Tanto Jesus como os discípulos encontravam-se em oração quando o Espírito desceu em forma física.

2,2. Forte rajada de vento: O vento e o fogo (v. 3) podem evocar **uma aparição extraordinária** e semelhante do Senhor a Elias (1 Rs 19,11-13). O vento e Espírito estão associados em Jo 3,8.

2,4. Cheios do Espírito Santo: A dádiva do Espírito Santo em Actos segue **uma estrutura** divinamente orientada tanto em contexto semita como gentílico: primeiro o Espírito vem como um **dom soberano do Senhor** elevado ao Céu; depois o Espírito é **transmitido pela imposição** das mãos dos Apóstolos (cf. 8,19). As **funções** do Espírito na proclamação da palavra, segundo os Actos, incluem o seguinte: uma **presença** sob diferentes formas na origem do ministério da palavra; uma **força** condutora por detrás do movimento das testemunhas, segundo o plano divino; uma **compreensão** profunda dos acontecimentos no contexto da história da salvação; uma **força** que torna a proclamação eficaz, constante e livre; e a **confirmação**, por vias ordinárias e extraordinárias, da palavra proclamada.

Línguas: Cf. 10,46; 19,6; Mc 16,17; 1 Cor 13,1. Falar outras línguas permite aos Apóstolos prestar testemunho a todas as nações um sinal de que a missão da Igreja, assistida pelo Espírito Santo, é proclamar a Boa-Nova a todas as pessoas e uni-las numa comunidade fraterna (cf. vv. 5-11). As línguas significam a multiplicidade e variedade de povos (v. 11). **A Igreja é sinal e instrumento da unidade e comunhão de homens e mulheres com Deus e uns com os outros.**

2,5. Provenientes de todas as nações: Cf. v. 17 "toda a criatura" e v. 21. Quem são estes **judeus da diáspora?** Actos descreve a mudança do cristianismo judaico para o cristianismo gentílico como uma viragem relativamente serena, e considera inofensiva a opinião do governo romano em relação à doutrina cristã. Este livro é a mais antiga história da Igreja, apresentando a Igreja a ser guiada pelo Espírito até à parusia futura (vinda do Senhor).

2,6. Ruido: Literalmente, "voz".

A multidão... ficou estupefacta: A narrativa de Babel, em Gn 11,1-19, forneceu o modelo para o relato lucano do Pentecostes (vv, 1-13) em termos de linguagem, forma da narrativa e temas (ver também Ex 1,1-14; Sf 3,1-13).

Na sua própria língua: Cf. v. 8. O missionário, segundo os caps. 1-15, é uma figura pentecostal, é chamado a quebrar as barreiras da divisão e do sectarismo e abre a horizontes universais. O desenvolvimento desta abordagem à actividade missionária cristã é tratado do Pentecostes ao Concílio de Jerusalém. Através de uma linguagem inteligível por todos os seres humanos, **a humanidade pode ser reunificada pela obra do Espírito.**

Para África, o Pentecostes afirma o **valor das línguas vernáculas** como veículo para ouvir "as maravilhas de Deus". Esta passagem afirma também a importância das traduções da Bíblia para línguas locais, de modo a que todos possam ouvir a Palavra de Deus "na sua própria língua" nativa.

2,7. Galileus: Como testemunhas pessoais e com autoridade, os Apóstolos garantem que o Jesus histórico é de facto o ponto de partida da tradição evangélica. Ao mesmo tempo, os discípulos originais de Jesus estão prontos para oferecer um testemunho autêntico sobre o significado salvífico do Jesus histórico. Visto que viveram com Jesus um longo período de tempo, sentem a importância histórica das palavras humanas de Jesus para a salvação da humanidade.

2,9. Judeia: Originalmente o texto pode ser tido *Iberian*, o nome antigo da actual Geórgia, localizada entre a Sina e as montanhas do Cáucaso.

2,11. Judeus e prosélitos: Cf. 6,5; Mt 23,15. Em grego, *proselytos* é "aquele que se aproxima". A religião do AT com a sua fé no Deus supremo, criador de tudo, tinha as suas próprias tendências universalistas (cf. Is 42,6ss, 45,14ss; 56,1-8; 66,19). O termo "prosélito" é **atribuído aos gentios que aceitam integralmente o judaísmo.** Os judeus viam o proselitismo como um novo nascimento (através da circuncisão, do banho ritual e da oferta de uma vítima em sacrifício) e o início de uma vida nova. Os gentios que só aceitavam parte do judaísmo, sem aceitarem a circuncisão e a observância integral da lei, são "tementes a Deus". Aceitavam os ensinamentos judaicos sobre Deus, os livros sagrados, a observância do sábado, as leis de pureza e a moralidade judaica. Frequentavam a sinagoga. Muitos dos primeiros convertidos de Paulo provêm dos "tementes a Deus" (cf. 13,16.26; 14,1; 16,14; 17,4.12.17; 18,4.7).

Espirito Santo

O Espírito opera através de uma profunda introdução no mistério pascal, no mistério da Cruz, loucura e escândalo para os homens, mas sabedoria e poder de Deus. **O Espírito não cria uma ressonância exterior artificial** ou um timbre voluntarista (porque é necessário, porque a ação é mais eficaz), **mas lança as bases profundas para uma conversão ao mistério da cruz.**

O Espírito **promove a colaboração e a unidade** no seio da comunidade, através da humildade daqueles que sabem possuir um dom (a própria denominação do carisma, isto é, um dom gratuito, vem em socorro aqui) que deve ser subordinado ao bem comum.

A ação do Espírito culmina numa caridade que não é um projeto humano, mas uma partilha da atitude de paciência, disponibilidade, *hésèd*, ternura amorosa, que são próprias de Deus e do Cristo histórico. Pode ser interessante analisar as listas de qualificações caritativas, perguntando-nos que modelos bíblicos e referências cristológicas estão envolvidos nessas escolhas de vocabulário. (*Card Carlo Maria Martini - Dicionário Espiritual*)

Gálatas 5, 22-25: É este o **fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio.** Contra tais coisas não há lei. Se vivemos no Espírito, sigamos também o Espírito.

13. JESUS E A COMUNIDADE

Carta aos Efésios 4,1-7.12-13.16

Efésios 4,1-16: ¹Por isso, eu, prisioneiro no Senhor, peço que vocês se comportem de modo digno da vocação que receberam. ²Sejam humildes, amáveis, pacientes e suportem-se uns aos outros no amor. ³Mantenham entre vocês laços de paz, para conservar a unidade do Espírito. ⁴Há um só corpo e um só Espírito, assim como a vocação de vocês os chamou a uma só esperança: ⁵há um só Senhor, uma só fé, um só batismo. ⁶Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e está presente em todos. ⁷Cada um de nós, entretanto, recebeu a graça na medida que Cristo a concedeu. ⁸Por isso, diz a Escritura: "Subiu às alturas levando prisioneiros; distribuiu dons aos homens." ⁹Que quer dizer "subiu"? Quer dizer que primeiro desceu aos lugares mais baixos da terra. ¹⁰Aquele que desceu, é o mesmo que subiu acima de todos os céus, para plenificar o universo. ¹¹Foi ele quem estabeleceu alguns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas e outros como pastores e mestres. ¹²Assim, ele preparou os cristãos para o trabalho do ministério que constrói o Corpo de Cristo. ¹³A meta é que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para chegarmos a ser o homem perfeito que, na maturidade do seu desenvolvimento, é a plenitude de Cristo. ¹⁴Então, já não seremos crianças, jogados pelas ondas e levados para cá e para lá por qualquer vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e pela astúcia com que eles nos induzem ao erro. ¹⁵Ao contrário, vivendo amor autêntico, cresceremos sob todos os aspectos em direção a Cristo, que é a Cabeça. ¹⁶Ele organiza e dá coesão ao corpo inteiro, através de uma rede de articulações, que são os membros, cada um com sua atividade própria, para que o corpo cresça e construa a si próprio no amor.

4,1-6. Se a Igreja quiser permanecer fiel à missão que Deus quer para ela, então terá de se manter unida em si mesma. O autor insta os leitores à prática das virtudes que promovam a unidade. Assim viverão em comunhão com o único Deus que perpassa tudo quanto existe.

4,7-16. O objectivo dos vários serviços e de outros dons na Igreja é a promoção da unidade, e visam tornar efectiva a missão da Igreja.

O objectivo dos dons e da sua variedade é duplo: **edificar o corpo de Cristo** até à sua plena maturidade em Cristo, à imagem perfeita do mesmo Cristo, e **continuar a missão da Igreja** a todo o universo (vv. 11-16). Ambos os objectivos são atingidos quando no amor e no respeito mútuo todas as partes do corpo, os seus diversos membros com diferentes dons e talentos, funcionam numa unidade harmónica (v. 16).

4,1-16: Nesta passagem o leitor pode identificar **factores que promovem a harmonia** na igreja local: as **qualidades pessoais** (v. 2), o **espírito de união** (vv. 3-6), o **serviço ministerial** de todos os membros (vv. 11-13), a **estabilidade doutrinal** (vv. 13-15), e a **mútua edificação** (v. 16).

4,1. O prisioneiro no Senhor, Isto confere autoridade às exortações que a seguir aparecem e que estão centradas na preservação da unidade da Igreja..

4,4-6. Note-se aqui a repetição sete vezes da unidade, um... e as quatro referências a "todos" (*panta*).

4,8. Tradução e citação livre do Sl 68,19. O autor, além disso, dá-lhe uma interpretação acomodatícia ao referi-lo à Ascensão de Cristo. A tradição rabinica aplicava-o a Moisés, que subia ao monte para receber a Lei.

4,11. Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres: Dons ou carismas dados à Igreja para a sua edificação, para a construção do Corpo do Senhor. Os dois primeiros são nomeados pelo autor como fundamentos, os outros três entram em acção à medida que a Igreja se vai expandindo e diversificando.

4,12. Corpo de Cristo: Cf. 1 Cor 12,12; 1 Pe 2,5. A comunidade cristã é comparada a uma comunhão orgânica. Caracteriza-se pela diversidade e unidade de vocações e de estados de vida, de ministérios, de carismas e de responsabilidades. **Devido a esta diversidade e unidade, cada cristão** é visto em relação à totalidade do corpo, e **oferece uma contribuição única em benefício de todos**.

4,13. A medida completa da plenitude de Cristo: Todos os homens e mulheres se relacionam com Cristo como seu criador, redentor e antepassado. A realização perfeita da personalidade cristã não poderá ser atingida fora de Cristo. A medida da nossa estatura é a plenitude de Cristo.

4,14. Qualquer vento da doutrina: A unidade da Igreja é colocada em perigo por ensinamentos falsos que não se baseiam nos dons dados por Cristo à Igreja.

14. A FAMÍLIA CRISTÃ.

Carta aos Efésios 5, 22.25.28-33; 6,1-4

Efésios 5,21-6,4: ²¹Sejam submissos uns aos outros no temor a Cristo. ²²Mulheres, sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor. ²³De fato, o marido é a cabeça da sua esposa, assim como Cristo, salvador do Corpo, é a cabeça da Igreja. ²⁴E assim como a Igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo a seus maridos.

²⁵Maridos, amem suas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela; ²⁶assim, ele a purificou com o banho de água e a santificou pela Palavra, ²⁷para apresentar a si mesmo uma Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou qualquer outro defeito, mas santa e imaculada. ²⁸Portanto, os maridos devem amar suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher, está amando a si mesmo. ²⁹Ninguém odeia a sua própria carne; pelo contrário, a nutre e dela cuida, como Cristo faz com a igreja, ³⁰porque somos membros do corpo dele. ³¹Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. ³²Esse mistério é grande: eu me refiro a Cristo e à Igreja. ³³Portanto, cada um de vocês ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido.

^{6,1}Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo. ²"Honre seu pai e sua mãe" é o primeiro mandamento, e vem acompanhado de uma promessa: ³"para que você seja feliz e tenha vida longa sobre a terra."

⁴Pais, não dêem aos filhos motivo de revolta contra vocês; criem os filhos, educando-os e corrigindo-os como quer o Senhor.

5,21-33. A unidade da Igreja encontra uma expressão concreta na integridade de cada família cristã. O autor atesta **um princípio geral: todos os cristãos se submetam uns aos outros**, isto é, que os cristãos se sirvam uns aos outros no amor; **segundo o exemplo de Cristo**, reconhecendo Cristo em cada um. Tal atitude elimina o desejo de domínio sobre o outro ou de uns pelos outros.

6,1-4. A relação entre **pais e filhos** é também elevada a um grande nível à luz do princípio de 5,21. Mais uma vez, nada é mudado, mas tudo se transforma.

5,21-6,9. Estes códigos, apenas nas deutero-paulinas e na Primeira Carta de Pedro, eram **comuns no mundo greco-romano** de então. São bastante **semelhantes** aquilo que de melhor tem e é conhecido na **tradição africana sobre os valores familiares**. Tal como são aqui expostos, não poderão ser dissociados da doutrina que subjaz a toda a carta. A unidade do Corpo de Cristo requer a unidade da família. A edificação da Igreja sobre bases sólidas exige uma estrutura semelhante para a família. A subordinação de todos os cristãos a Cristo, no Corpo de Cristo, chama ao amor mútuo, à obediência, à tolerância e ao perdão, a começar em casa.

5,22. A ética aqui é a cristã. O texto difere dos códigos éticos estóicos pela acentuação nas **obrigações e funções recíprocas**, pela acentuação da submissão mútua e pelo conteúdo cristológico. O ensejo e o alcance da passagem visam sobretudo relembrar os maridos das suas extraordinárias obrigações (às vezes esquecidas) de amar as suas esposas.

5,22-25. Quer as esposas quer os maridos agirão uns com os outros com **amor recíproco**, com amor que se dá um ao outro (*agape*). Note-se que é evocada a forma suprema do amor, aquela que Cristo mostrou à e pela Igreja, e que a Igreja é chamada a reactivar, mostrando esse mesmo amor a Cristo. Cf. Ef 5,21-33 com Gn 1-3, tendo em conta a vocação de cada baptizado a ser Cristo

5,23. Cristo: Em 5,22-6,4 Paulo mostra que **a estrutura familiar foi estabelecida com referência à pessoa de Cristo**. Se Paulo enfatiza a sujeição da esposa ao marido, tal acontece porque está a pensar e a metaforizar a relação da Igreja a Cristo, que de facto pode apenas ser uma relação de sujeição da Igreja a Cristo. Paulo compara o amor que une os esposos no matrimónio ao amor da Igreja por Cristo. Os vv. 26-27.31-32 demonstram que **Paulo pensou no matrimónio como um sacramento**, um sinal vivo de união de Cristo com a Igreja.

Corpo: Os textos paulinos que abordam a temática da Igreja segundo a **metáfora anatómica** ou corporal poderão dividir-se em **três grupos**: a Igreja é uma **unidade cujos membros têm diferentes funções** (1 Cor 12,4-31; Rm 12,3-8; Ef 2,11-22; 4,1-16; Gl 3,26-29); os diferentes membros da Igreja conhecem e experienciam a **unidade do Corpo de Cristo** pelos sacramentos (1 Cor 6,13-20; 10,14-22; 12,13; Gl 3,26-29); e **Jesus é a cabeça da Igreja**,

formando a Igreja o seu Corpo (Ef 1,22-23; 2,19-22; 5,21-32; Cl 1,17-27; 2,16-23). Todos os cristãos são pessoas dotadas, a quem Deus outorgou algum talento ou vários carismas (Rm 12,6-8; 1 Cor 12,4-11.27-31). O ministério da Igreja é um serviço baseado no desejo de responder a graça de Deus. Não é um estatuto que procure por si dominar.

5,24. Como a Igreja se submete a Cristo: Cf. Ap 19,7. A vida da Igreja é de amorosa submissão.

5,26-27. Claramente uma referência baptismal que anseia pela plenitude baptismal aquando da vinda de Cristo. A imagética do matrimónio para a união de Cristo com a sua Igreja é adaptada da imagética veterotestamentária da relação do Senhor com o povo de Israel.

5,28-31. Esta metáfora alarga-se para incluir a noção da **Igreja como Corpo de Cristo**: A citação de Gn 2,24 é literalmente verdadeira apenas para Cristo e para a Igreja. Nenhum marido poderá dizer literalmente da sua esposa que ela é "osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2,23). Mas Cristo pode dizer isto da Igreja. A implicação é a de que o matrimónio foi entendido como uma imagem da união de Cristo com a sua Igreja a partir do momento da sua instituição. Isto é dito explicitamente no versículo seguinte. O sinal sacramental do matrimónio cristão reside na união de Cristo e da sua Igreja, união de amor e geradora de vida.

5,31. Uma só carne: Uma vez reconhecidas a **igualdade em dignidade do homem e da mulher** (Gn 1,27; 2,22-23; 5,2; 6,19; 7,9; Mt 19,4; Mc 10,6; 1Cor 7,2; Gl 3,28) e a estrutura de parceria do matrimónio, não pode ser facilmente negado que a monogamia é normativa para o matrimónio. Quando a monogamia se transforma em cultura, qualquer regresso à poligamia (cf. Gn 4,19.23; 31,17.50; 32,22; 36,2.6; Jz 8,30; 1 Sm 25,43; 27,3; 30,5.18; 1 Rs 11,3-4.8; 1-Cr 4,5) é um lamentável retrocesso.

5,32. Mistério: A união de Cristo e da Igreja é um mistério que permanece escondido em Gn 2,24 e é o modelo de qualquer matrimónio cristão.

6,1. Filhos, obedecei a vossos pais: Cf. Cl 3,20; Rm 1,30; 2 Tm 3,2. O NT mantém e reforça a **validade do quarto mandamento** (Ex 20,12; Dt 5,16; Sir 3,1-16) para os cristãos. Este é um mandamento dado por Deus (Ex 20,12; Dt 5,16; 21,18; Pr 30,17; Mt 15,4-5; 19,19; Mc 7,10; 10,19; Lc 18,20; Ef 6,2). Honrar pai e mãe é honrar o único Pai (Mt 23,9), Deus (cf. Lc 2,40-52), tal como Jesus fazia (Jo 8,49). No entanto, deveremos **obedecer antes a Deus do que aos homens** (Act 5,29) quando Jesus chama alguém para o seguir (cf. Mt 19,29; Lc 14,26).

6,4. Criai-os com a educação: Cf. 2 Tm 3,15; Heb 12,6.8. Os pais cristãos têm o dever de educar bem os seus filhos, indo ao encontro das suas necessidades mais básicas. No que diz respeito aos seus filhos, os pais terão de criar um ambiente "espiritual" de amor, gentileza, confiança, amizade, paz e compreensão (Rm 14,17; Gl 5,22). As crianças pertence o Reino dos Céus, o Reino de Deus (Mt 18,3-4; 19,14; Mc 10,14-15; Lc 18,16), o único Pai (Mt 23,9). Os filhos não receberam um espírito de escravidão para permanecer ou cair no medo, mas o espírito de filiação, de tal forma que **possam clamar "Abba, Pai!"** (Rm 8,15; Gl 4,6), tal como Jesus (Mt 14,36).

Pais: A responsabilidade educativa exige o jogo da liberdade humana, exige **preparação, formação, discussão, empenho**. Se é verdade que alguém se torna pai no momento do nascimento dos filhos, é igualmente verdade que se torna verdadeiramente um dia após dia; De facto, começa-se a ser pai mesmo antes do nascimento dos filhos, de alguma forma mesmo antes do casamento. Já no período de engajamento, pode-se e deve-se **educar na tarefa educativa** e na consciência das escolhas que ela implica. E esta formação deve depois continuar de forma permanente através da escuta, da comparação com a experiência dos outros, do aprofundamento de algumas questões educativas específicas. Os pais, portanto, tornam-se conscientes e talvez até um pouco mais competentes em todas as diferentes responsabilidades da vida. Isto acontece, portanto, a todos os níveis de responsabilidade e é muito bom que aconteça em primeiro lugar nessa **primeira célula de responsabilidade social**, que é a família; em que o confronto, e mesmo uma espécie de escola para os pais, pode dar coragem e conforto, pode abrir horizontes, remover a ansiedade de becos sem saída, de caminhos demasiado escuros, restaurar a serenidade e a confiança.

(Card Carlo Maria Martini - Dicionário Espiritual)

15. AS BEM-AVENTURANÇAS

Mateus 5,1-12

5,1-7,29. Mateus apresenta nesta secção os **ensinamentos centrais de Jesus**. Neste Evangelho, um manual de instruções para os discípulos, Jesus é o novo Moisés, revelando uma nova lei com uma nova autoridade. As críticas em relação à lei antiga não são dirigidas à lei enquanto tal, mas às interpretações erradas que lhe eram dadas especialmente pelos fariseus.

5,3-12. A autoridade da Torá reside agora em Cristo. O sermão projecta a graça de Deus no passado, no presente e no futuro. Centra-se nos três pilares (a lei, o culto e os actos de bondade) em que o mundo se baseia.

5,1. A localização na montanha sugere uma **conexão com Moisés** e com a natureza sublime do ensinamento que de lá provém. O sermão parece ser dirigido apenas aos **discípulos**, mas 4,23-25 informa-nos que as **multidões** seguiam-no. Em 7,28 as multidões voltam a aparecer e estão admiradas com os ensinamentos de Jesus. Há quem veja este sermão como algo para uma elite, mas, muito provavelmente, é dirigido a todos os seguidores de Jesus.

5,3-12. Cf. Lc 6,20-23. O sermão da montanha é um **resumo do ensinamento de Mateus** dirigido à sua comunidade, depois de separada da sinagoga. A sua preocupação básica é a interpretação da Torá como formulação última da vontade de Deus e como tendo o seu centro na exigência do amor (cf. vv. 17-20; 7,12).

5,3. Felizes: Em latim, *beatus*, de que provém em português *beato*. Os pobres são aqueles cuja pobreza é de facto económica. A sua bênção vem do carinho especial que Deus lhes tem porque têm consciência da dependência total em relação a Ele.

Pobres em espírito: Os que deixam tudo para seguir Jesus (4,20. 22), os que são pobres (2 Cor 8,9) por causa do Reino de Deus (Lc 18, 22). Mateus e a sua comunidade consideram que a pobreza social deve ser uma característica da Igreja (19,29; cf. Mc 10,29; Le 14,26).

Reino do Céu: "Céu" é um **substituto típico para "Deus", a fim de proteger a santidade do nome divino**. Mateus é o único escritor do NT que emprega "Reino do Céu". Lucas usa "Deus" em vez de "Ceu" porque à sua audiência, que falava grego, não compreenderia o que se pretendia dizer com "céu".

5,4. Os que choram: Cf. Is 61,1-2. O choro é muitas vezes a sorte dos cristãos que lutam para permanecer fiéis durante as dificuldades (cf. 16,20-22).

5,5 Possuirão: "Possuir" tem o sentido de "herdar". A forma de viver actual determina o modo como viveremos no pós-vida. **As Bem-aventuranças realçam tanto o presente como o futuro do Reino de Deus:** um inicio humilde, agora, para ser plenamente consumado no futuro. No NT, o objectivo da herança é a salvação (Heb 1,14), a vida eterna (Tt 3,7), a glória (Rm 8,17), uma herança incorruptível (1 Pe 1,4). Os cristãos herdam em virtude da sua adopção e união com Cristo, o verdadeiro Filho e herdeiro (21,38; Mc 12,7; Lc 20,14; Heb 1,2; Rm 8,17; Gl 3,29; 4,7). "Possuir" ou "herdar a terra" recorda-nos a criação do primeiro ser humano, Adão, de *adamah*, pó da terra.

5,8. Cf. Sl 24,3-4. O tema da **pureza de coração** tem raízes na pregação profética do AT e na reflexão sapiencial do salmista, e está associado à esperança da Nova Aliança.

Coração: As imagens e linguagem do coração devem o seu poder à experiência do batimento do coração materno.

5,9. Pacificadores: Cf. Heb 12,14; Tg 3,18; Ef 2,14. A atitude cristã para com os pacificadores baseia-se na conduta de Deus (cf. vv. 44-45) e no exemplo de Jesus. **Em África** é importante ser pacificador. Na África tradicional também havia guerras, mas não ao ponto de se cometer genocídios. Tradicionalmente, os **africanos usavam ritos de reconciliação**, pactos de sangue e alianças, entre outras coisas, a fim de evitar o ódio. As igrejas devem assumir urgentemente a inculturação nesta área e **encorajar a elaboração de uma verdadeira teologia africana da reconciliação**.

Filhos de Deus: Jesus é chamado Filho de Deus pelo demónio (4, 3-6), pelo Sumo Sacerdote (26,63), pelos injuriadores (27,40) e pelo centurião (27,45).

5,10. A última Bem-aventurança recorda a primeira devido à referência ao Reino, tema caro a Mateus. Estas Bem-aventuranças estão no presente, enquanto as outras estão no futuro. **O Reino tem duas dimensões, o presente e o futuro.**